



DE “DAMA DE FERRO” A “BRUXA DESEQUILIBRADA”: UMA ANÁLISE SEMIÓTICO-DISCURSIVA DA FIGURA DE DILMA ROUSSEFF NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA (2005-2016)

From “iron lady” to “unbalanced witch”: a discursive semiotic analysis of the figure of Dilma Rousseff in the Brazilian printed media (2005-2016)

De "dama de hierro" a "bruja desequilibrada": un análisis semiótico-discursivo de la figura de Dilma Rousseff en los medios impresos brasileños (2005-2016)

Paolo Demuru

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista
paolo.demuru@docente.unip.br

Janete Monteiro Garcia

Jornalista e Mestre em Comunicação e Cultura Mediática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista.
jane_s_monteiro@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar, sob o prisma teórico-metodológico da semiótica discursiva de Greimas e seus seguidores, a evolução dos sentidos da figura de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira (2005-2016). Os resultados mostram uma passagem de uma visão eufórica a uma visão disfórica, fundada em precisas estratégias discursivas, tanto de ordem narrativa (a degradação a sujeito “incompetente”, inapto a exercer as funções de seu cargo), quanto plástica-figurativas (a emergência de figuras estereotípicas como a da “bruxa” e da “desequilibrada”, que desmontam a imagem inicial de “dama de ferro” competente e inflexível).

Palavras-chave: Semiótica Discursiva; Dilma Rousseff; Identidade Política.

Abstract

This article aims to analyse, from the methodological and theoretical perspective of Greimas and followers discursive semiotics, the evolution of meanings in Dilma Rousseff's figure in Brazilian printed media (2005-2016). The results reveal the passage from an euphoric vision to a dysphoric one, founded on precise discursive strategies, both of narrative order (the degradation to an “incompetent” subject, unable to perform the functions of her position), and of plastic-figurative order (the emergence of stereotypical figures such as



that of the “witch” the “unstable”, which dismantles the initial image of the “iron lady”, competent and inflexible).

Key words: Discursive Semiotics. Dilma Rousseff. Political Identity.

Resumen

El objetivo del presente artículo es analizar, bajo la perspectiva teórico-metodológica de la semiótica discursiva de Greimas y sus seguidores, la evolución de los sentidos de la figura de Dilma Rousseff en los medios impresos brasileños (2005-2016). Los resultados muestran la evolución de una visión eufórica a una visión disfórica, basada en estrategias discursivas precisas, tanto de orden narrativo (la degradación de un sujeto “incompetente”, no apto para realizar las funciones de su posición) como plástico-figurativo (la emergencia de figuras estereotipadas como aquellas de la “bruja” y de la “desequilibrada”, que desmantelan la imagen inicial de la competente e inflexible “dama de hierro”).

Palabras clave: Semiótica Discursiva. Dilma Rousseff. Identidade Política.

1 INTRODUÇÃO

Em 20 de junho 2005, o Portal Uol apresentava assim a recém nomeada ao cargo de ministra-chefe da Casa Civil Dilma Rousseff: “Rousseff já ganhou na imprensa o apelido de Dama de Ferro”. A nova ministra com perfil mais técnico do que político, é conhecida por seu caráter forte e sua grande experiência na área de energia, à qual dedicou boa parte de sua vida profissional” (UOL 2005).

Nos anos sucessivos, o apelido firmou-se no cenário político-midiático nacional e internacional. Após a vitória de Rousseff nas eleições presidenciais de 2010, o Financial Times chegou a defini-la – em uma referência explícita à Margaret Thatcher, para a qual o apelido havia sido inicialmente criado – a “Dama de Ferro dos Trópicos” (O ESTADO DE S. PAULO, 2012).

No entanto, após as jornadas de junho de 2013, em razão da queda repentina dos índices de sua popularidade (cfr. SINGER, 2018), a imagem midiática da presidente começa a mudar. De gestora inarredável, obstinada e competente, a então presidente passa a ser retratada como uma mulher profissional e emocionalmente despreparada, à beira de uma crise de nervos.

O objetivo do presente artigo é analisar – sob o prisma teórico-metodológico da semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas e seus seguidores (cf. GREIMAS E COURTÉS, 2008; GREIMAS, 2014; OLIVEIRA, 2004) – as trajetórias através das quais esta metamorfose se deu na mídia impressa brasileira. Mais especificamente, nos deteremos no

estudo das articulações sincréticas entre a linguagem verbal e a linguagem visual, a fim de revelar os efeitos de sentido da imagem de Dilma construídos pelo discurso jornalístico.

O período selecionado vai de junho de 2005, mês em que Dilma assume o Ministério da Casa Civil, a 31 de agosto de 2016, quando a então presidente da República foi definitivamente afastada pelo Congresso. O *corpus* da pesquisa abarca matérias e capas de jornais e revistas diversas, a saber: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, e respectivamente, Isto É, Veja, Exame e Época. A escolha se justifica pelo fato de os veículos selecionados serem os de maior circulação no Brasil, além de possibilitarem um levantamento detalhado sobre as transformações às quais, nos últimos quinze anos, assistiu-se na vida política brasileira.

Duas são as hipóteses que procuraremos defender. A primeira é que a imagem predominantemente “eufórica” da qual Dilma gozava na mídia impressa brasileira até a metade do seu primeiro mandato começa, após as jornadas de junho de 2013, a se tornar explicitamente “disfórica”¹. Ou seja, uma imagem que, conforme postulado por Greimas e Courtés (2008, p. 49), institui um universo de valores negativos e uma carga de repulsa tímico-estésica (cf. LANDOWSKI, 2014) em torno à figura da ex-presidente.

A segunda é que tal disforia é construída por meio de estratégias semióticas diversas:

- a) através de um processo de “decompetencialização” (cf. GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 330-334), o qual visa à representação de Dilma como sujeito inapto a realizar as performances próprias de sua função institucional;
- b) por meio da definição de precisos “papéis temáticos” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 496), ancorados, por sua vez, em determinadas isotopias figurativas, a saber: a bruxa e a desequilibrada².
- c) através de uma inversão das isotopias plásticas que regiam, na fase precedente, a representação de Dilma. Como veremos, o ferro, que constituía, em um primeiro momento, o “formante matérico” (GREIMAS, 1984) dominante nas descrições da ex-presidente, passa a ser substituído por outros, cujo grau de

¹ Voltaremos no próximo item sobre os conceitos de “euforia” e “disforia” e os outros aqui mencionados, e mostrando sua pertinência e relevância para a presente pesquisa.

² Ressaltamos que não se trata dos únicos papéis temáticos com os quais nos deparamos ao longo de nossa pesquisa. Ao lado desse, há outros dentro dos quais a figura de Dilma foi sendo aos poucos enquadrada: a corrupta, a acabada – física e politicamente – e assim por diante. No entanto, para os escopos específicos do presente artigo, optamos por discutir exclusivamente os primeiros.

solidez é notadamente menor, o que dissolve a aura de firmeza dos primeiros anos de sua vida política.

Antes de entrarmos a fundo na análise, expliquemos, no entanto, os pilares de nossa abordagem teórico-metodológica e a maneira pela qual eles podem contribuir a jogar luz sobre o nosso *corpus*.

2 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A análise foi conduzida com base no arcabouço teórico-metodológico do Percurso Gerativo de Sentido de Greimas (cf. GREIMAS; COURTÉS, 2008); da Semiótica Plástica esboçada pelo próprio semioticista lituano (cf. Greimas, 1984) e desenvolvida posteriormente por Jean Marie Floch (1995) e Ana Claudia de Oliveira (2004); do modelo dos Regimes de Sentido e Interação proposto pelo sociosemiotista francês Eric Landowski (2014). Em particular, concentramo-nos nos processos de homologações entre as isotopias plásticas, figurativas e temáticas presentes tanto na linguagem verbal quanto na linguagem visual (cf. GREIMAS, 1984; GREIMAS; COURTÉS, 2008).

Conforme postulado por Greimas, as *figuras* são os elementos do mundo reconhecíveis e nomináveis, cujo sentido é válido apenas no universo sociocultural onde estão inseridas: o corpo masculino, o corpo feminino, a mão, o braço, o mar, a areia, a água, e assim por diante (cf. GREIMAS, 1984). Os *formantes plásticos* são os traços *eidéticos* (curvos *vs* reto, redondo *vs* quadrado, etc.), *cromáticos* (vermelho *vs* azul, saturado *vs* não saturados, etc.), *topológicos* (alto *vs* baixo, englobante *vs* englobado, esquerda *vs* direita) e *matéricos* (ar *vs* fogo; ferro *vs* água; sólido *vs* líquido, duro *vs* macio, e assim por diante, cf. OLIVEIRA, 2004). Tanto as primeiras quanto os segundos dão corpo ao sentido da imagem, estabelecendo correlações entre os dois planos das linguagens.

Por outro lado, o conceito de isotopia indica a iteratividade e a recorrência de um ou mais traços distintivos, seja do plano da expressão, seja do plano do conteúdo, garantindo, assim, a coerência e a homogeneidade do texto. Existem, assim, *isotopias temáticas*, que reiteram precisos valores semânticos (o bem, o mal, o amor, o ódio, a guerra, a paz, etc.); *isotopias figurativas*, que veiculam, repetidas vezes, uma ou mais figuras (a pomba, o sol, o céu); *isotopias plásticas*, que insistem na reprodução de determinados traços cromáticos, eidético, topológico ou matéricos (o vermelho, o verde, o amarelo, o círculo, o alto, o baixo, o *ferro*, no caso aqui analisado). É claro: uma isotopia figurativa ou uma isotopia plástica

podem sustentar (figurativa ou plasticamente) uma isotopia temática, contribuindo, dessa forma, a manifestar os valores semânticos profundos inscritos e diluídos no texto.

Ressalta-se que os valores semânticos profundos manifestados por traços ou isotopias figurativas e/ou plásticas podem ser dispostos – conforme o *corpus* analisado – ao longo dos polos que constituem aquela que Greimas define “categoria tímica” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 505), a qual, em consonância com o significado do termo “tímica”, diz respeito ao “humor” e ao “tom afetivo” associado a um determinado semantismo. Por sua vez, a *tímica* articula-se em “euforia” e “disforia”, podendo conotar um traço semântico como “eufórico” e outro como “disfórico” e provocando, desta forma, a sua valorização em termos positivos e/ou negativos (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 505).

Iluminando o *corpus* de nossa pesquisa com as lentes dos conceitos acima descritos, identificamos uma série de isotopias que nos permitiram enquadrar e compreender, de uma perspectiva geral, a mudança que a imagem de Dilma Rousseff sofreu a partir das jornadas de junho de 2013, bem como, em particular, as estratégias discursivas através das quais foi construída.

Sendo assim, separamos o *corpus* em duas fases: uma primeira fase predominantemente “eufórica”, que se estende de 2005 a 2013, e uma segunda fase “disfórica”, que vai de 2013 a 2016.

A fase “eufórica” é caracterizada por uma isotopia plástica dominante: a isotopia do ferro, que constrói Dilma como uma figura política pujante, segura e inabalável. No entanto, emerge, ao lado da isotopia do ferro, um “papel temático” específico, que parece contrabalanceá-la.

Ora, segundo Greimas, o papel temático é um papel que um ator desenvolve ao longo de uma determinada narrativa. Trata-se de funções social, cultural e discursivamente estereotipadas (o pescador, o ladrão, o terrorista, o presidente, o corrupto, o juiz), ao qual estão comumente associados a traços e/ou isotopias figurativas igualmente padronizadas (cf. GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 495). No caso em questão, a Dilma é apresentada como “mãe”, isto é, como uma mulher aparentemente “acolhedora”.

E não apenas isso. Sob o perfil narrativo – ou seja, no que toca ao nível da sintaxe narrativa do Percurso Gerativo de Sentido de Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 344) – a imagem de Dilma Rousseff é aquela de um actante-sujeito “competente”, ou seja, de um sujeito que possui um “saber fazer” e um “poder fazer” adequado para enfrentar os desafios de seu cargo.

Ao contrário, a fase “disfórica” é marcada por isotopias plásticas e figurativas que invertem a carga afetiva e os valores positivos do período precedente. Destacamos, aqui, as isotopias figurativas e os respectivos papéis temáticos, a saber, o da *bruxa* e o da *desequilibrada*.

Paralelamente, emergem novas isotopias plásticas. O ferro, traço matérico marcado pela firmeza e pela solidez, que havia protagonizado a fase precedente, vai, aos poucos, se transformando. Como veremos, os novos retratos de Dilma destacam suas imperfeições corpóreas, apontando, entre outros aspectos, o deteriorar-se de sua pele e seu corpo. Uma pele que, em alguns casos parece estar literalmente se derretendo, ou que, em outros é literalmente queimada, como demonstra a capa de O Estado de S. Paulo de 4 de maio de 2016.

A esta reviravolta plástico-temático-figurativa corresponde, por sua vez, uma mudança narrativa, que descreve, como antecipamos na Introdução ao artigo, um verdadeiro processo de “decompetencialização” da presidente, que se torna, no discurso da mídia impressa um sujeito incapaz de governar o país, isto é, que *não pode* e *não sabe* mais como cumprir seu papel.

3 VISÕES EUFÓRICAS (2005-2013)

3.1 A Dama de Ferro

A primeira estratégia discursiva através da qual emerge e se consolida a visão eufórica de Dilma Vana Rousseff funda-se na isotopia plástica do ferro.

Em 21 de junho de 2005, no dia seguinte à sua nomeação, no lugar de José Dirceu, ao cargo de Ministra da Casa Civil, O Estado de S. Paulo descreve Dilma com as seguintes palavras: “Dama de ferro sempre foi contra barganhas. Firme na reestruturação do setor elétrico, Dilma também rechaçou acertos políticos” (MARQUES, 2005, p. A5).

Alguns dias depois, na seção *Brasil* da *Revista Isto É* do dia 29 de junho de 2005, encontra-se escrito: “Lula escolhe uma dama de ferro para o lugar de Dirceu” (Fig.1). Mais adiante, na mesma notícia, Dilma foi comparada a Margareth Thatcher por ser, supostamente, como a sua colega inglesa, uma “dona de um temperamento forte e inflexível”. Na imagem, Dilma mostra-se firme e séria. Seu olhar dirige-se rumo à câmera, aparentando indiferença e tranquilidade com os ventos de mudanças que sopram na cena política nacional, do qual está prestes a se tornar uma nova protagonista (COSTA, 2005, p. 44).

Ao longo dos anos seguintes, o apelido é constantemente reiterado em diversos veículos da mídia impressa, tanto nacional quanto internacional, às vezes através de explícitos procedimentos intertextuais, entre os quais a “citação” (FIORIN, 2003). É o caso artigo publicado no jornal francês “Le Monde”, cujo título retratava assim a então pré-candidata à Presidência da República Brasileira: “Dilma é a dama de ferro, com os pés no barro” (LANGELLIER, 2009). O texto, traduzido e divulgado no dia seguinte na Folha de S. Paulo (Seção Brasil, p. A6), dizia que a eleição seria simbólica para consolidar a democracia no Brasil, visto que “Dilma representa uma mulher pela primeira vez presidente, oito anos depois da eleição de um operário [...] seu defeito seria nunca ter participado de uma eleição, o que ela contorna com os pés no barro, num esforço de se tornar conhecida no país” (LANGELLIER, 2009).

Não caberia aqui citar, uma por uma, a integridade das matérias nas quais Dilma é descrita como “dama de ferro”. O que nos interessa ressaltar é que esta isotopia plástica sustenta, manifestando-se no plano da expressão, o sentido de uma mulher forte e irremovível, a qual, mesmo quando se encontra com os “pés no barro” – para retomarmos o título da matéria do Le Monde –, segue com firmeza e perseverança sua trajetória.

Destacamos que a isotopia temática da firmeza, atrelada ao formante plástico do ferro, é reiterada, paralelamente, por outras séries de figuras que despontam, em momentos mais pontuais, ao longo dos textos verbais presentes no *corpus* analisado, reforçando assim, a coesão e a coerência da narrativa. Pense-se, a este propósito, em uma manchete como esta, publicada em 21 de junho de 2005 na Folha de São Paulo: “Estilo Trator. Lula gosta do estilo ‘trator’ de Dilma, similar ao de Dirceu. Não raro rude com auxiliares ela tem fama de durona e trabalhadora” (ALENCAR, 2005, p. A4). Diante desta sucessão de epítetos, é possível perceber como, aos poucos, vai se construindo uma trama de traços plásticos e figuras que reiteram a tenacidade e a solidez de Dilma. Neste sentido, o trator pode ser entendido como o correspondente figurativo do ferro, junto ao qual contribui a “firmar” – em sentido quase literal – a imagem da então Ministra.



Figura 1. À esquerda, a capa da Veja de 24 de setembro de 2010.
À direita, a capa da Revista Época de 3 de novembro de 2010.
Fonte: Revista Veja/Revista Época

Como antecipamos na Introdução, os retratos de Dilma publicados nesta primeira fase reforçam, na linguagem visual, as isotopias presentes no verbal. Tomemos como exemplo as duas capas das revistas Veja e Época acima (fig. 1). Na primeira, publicada em 24 de setembro de 2010, pouco antes da vitória da então candidata ao pleito eleitoral. Dilma aparece em primeiro plano, enquadrada de três-quartos, com o olhar virado para cima e à direita. Na segunda, publicada em 3 de novembro de 2010, a presidente eleita olha direto para a câmera, mostrando seu sorriso. Em ambas as imagens, o preto e branco, a postura e a expressão de Dilma lhe conferem uma aura de serenidade, determinação e robustez, tanto física quanto moral.



Figura 2. A capa da Revista Veja de 28 de março de 2012
Fonte: Revista Veja

Dois anos mais tarde, a capa da *Veja* de 28 de março de 2012 retrata Dilma de modo parecido com as duas imagens previamente analisadas. A presidente é novamente enquadrada de três quartos, com o olhar direcionado para cima e para direita. Sua postura é calma, firme e confiante. Confiança, firmeza e calma que, no plano da expressão, em particular no que diz respeito à categoria cromática, são manifestadas pelos tons pastéis que dominam a imagem, bem como pelos jogos de sombras e luzes que definem os contornos do resto da presidente. E não apenas isso. Em um jogo explícito de interseções sincréticas entre visual e verbal, a isotopia temática da firmeza é reiterada, ao mesmo tempo, nas falas de Dilma expostas, entre aspas, no lado direito da capa, cujo tom, como é possível constatar, é notadamente assertivo.

3.2 A Mãe e a Fada Madrinha

Ao lado das isotopias plásticas e figurativas acima descritas, há um preciso “papel temático” que, ao longo desta primeira fase, parece em certa medida “atenuar” a inflexibilidade da “Dama de Ferro”. Trata-se, como antecipado, do papel de “mãe”.

Em 14 de julho de 2010, na seção “Poder” da *Folha* de S. Paulo, publica-se uma matéria cujo título afirma: “Lula faz elogios a Dilma em evento na sede do governo”. Ao longo do texto, reporta-se uma declaração de Lula, que atribui “à candidata petista a

responsabilidade pelas principais vitrines do governo”, entre as quais destacam-se o “PAC” (Programa de Aceleração do Crescimento), o “Minha Casa Minha Vida” e o “Luz para Todos”. Segundo o então presidente, Dilma poderia ser considerada “uma espécie de mãe do PAC. Cuida, acompanha, vai cobrar junto com o Márcio Fortes (ministro das Cidades) se as obras estão andando ou não estão” (IGLESIAS; SELIGMAN, 2010, p. A4). Prosseguindo, o jornal releva a atuação crucial que, nos dizeres de Lula, Dilma teria tido na implementação do Programa “Minha Casa, Minha Vida”, outro marco da administração petista: “este país nunca fez a quantidade de casa que estamos fazendo: esta moça teve muito a ver com a coordenação do governo para que a gente chegasse aonde chegamos”.

Citando, em sequência, a expressão “mãe do Pac” e o papel de coordenação desenvolvido por Dilma no “Minha Casa, Minha Vida” e “Luz para todos”, o texto reforça, assim, a figura de Dilma como “mãe” e “cuidadora” do povo brasileiro. Uma verdadeira “dona do lar”, a qual se preocupa cotidianamente em providenciar o bem-estar de sua “família”. Nesse sentido, é possível afirmar que, em analogia com o apelido previamente conferido a Luiz Inácio Lula da Silva – “pai dos pobres” – Dilma começa a ser figurativizada enquanto “mãe dos pobres brasileiros”.

Emblemática, neste sentido, a imagem publicada na capa de O Estado de S. Paulo do dia 8 de março de 2008, na qual, mais uma vez, Dilma é apresentada como “mãe do Pac” (fig. 3). Na fotografia, a então ministra aparece, em primeiro plano, à frente de duas mulheres negras.



Figura 3. Dilma na capa de O Estado de S. Paulo de 8 de março de 2008: “mãe”, “rainha” e “fada madrinha” do povo brasileiro.
Fonte: O Estado de S. Paulo

Com as mãos cruzadas, Dilma olha de cima e para baixo rumo a um hipotético horizonte, no qual, infere-se pelo enquadramento da imagem, situa-se a multidão de seus supostos “filhos”. Além disso, a coroa que desponta acima de sua cabeça, remete intertextualmente – ainda que com nuances irônicas – a outras duas figuras discursivamente sedimentadas no imaginário midiático popular, as quais reiteram, cada uma à sua maneira, o papel temático de mãe: a da “rainha”, responsável por aqueles que habitam seu reino, e a de “fada madrinha”, ou seja, de um “actante-adjuvante” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 23) – geralmente, como em Cinderela, uma senhora de idade – cuja principal tarefa é atender as necessidades e os desejos de seus protegidos. Trata-se de um aspecto relevante, especialmente em relação à inversão figurativa que se concretizará nos anos seguintes, no âmbito da qual Dilma passará a ser retratada como uma figura diametralmente oposta àquela da fada madrinha: a bruxa.

3.3 Uma mulher competente

Tanto o discurso visual quanto o discurso verbal até o momento analisados apontam, em suas interações sincréticas, para uma outra questão semioticamente crucial, a qual não diz mais respeito às relações entre categorias plásticas, figuras, temas e papéis temáticos, mas às imbricações entre estas e o “papel actancial” desenvolvido, nesta narrativa. Mais

especificamente, à sua consolidação como “sujeito competente”, apto, conforme a sequência prevista pelo esquema narrativo de Greimas, a realizar as “performances” que seu cargo institucional lhe incumbe.

Ora, segundo Greimas (2014), um sujeito competente é um sujeito que, antes de tudo, possui um “saber-fazer” e um “poder-fazer”, por meio dos quais ele/a enfrentará as provas necessárias para levar a cabo seu percurso narrativo.

É o que se apreende, por exemplo – inteligível e sensivelmente – das capas da *Veja* e *Época* acima analisadas (fig. 2). “A mulher pode”, lê-se, como vimos, na capa da *Época*. “A mulher no poder” ecoa, na mesma diretriz, aquela da *Isto É*. Os retratos de Dilma, cuja *hexis* corporal – isto é, conforme Landowski (2004, p. 48) a maneira de se portar e estar no mundo – manifesta firmeza e confiança, corroboram, sob o perfil plástico e figurativo a isotopia da competência. A postura ereta, o sorriso, o olhar para a câmera, ao encontro dos enunciatórios das revistas, ou rumo ao horizonte, em direção de um futuro aparentemente próspero, são, neste sentido, traços proxêmicos altamente significativos, os quais, juntos, reforçam a fidedignidade na presidente.

Uma competência que, inclusive, foi em diversos momentos sancionada pela mídia impressa. Veja-se, a este propósito, a matéria publicada na *Revista Veja* em 4 de janeiro de 2012, no começo do segundo ano de seu primeiro mandato:

Para Dilma, foi a coroação de uma safra de bons resultados. Ela termina 2011 com índices de aprovação superiores aos dos antecessores Lula e Fernando Henrique em seus primeiros mandatos, mantém em relativa harmonia sua ampla base de apoio no Congresso e, apesar da crise econômica na Europa e nos Estados Unidos, o Brasil cresceu (...), manteve o consumo aquecido e criou mais de dois milhões de empregos (PEREIRA; PEREIRA, p. 43).

Trata-se de um ponto central para os fins desta pesquisa. Como veremos a seguir, as estratégias discursivas através das quais irá se construir, a partir de 2013, a visão disfórica de Dilma insistirão, pois, entre outros aspectos, na narrativa da “decompetencialização” da ex-presidente, descrevendo-a como uma mulher inadequada às funções previstas pelo seu cargo. Inadequada, é o caso de precisar, justamente pelo fato de ser “mulher”.

4. VISÕES DISFÓRICAS

A partir das jornadas de junho de 2013, a imagem de Dilma torna-se objeto de uma reviravolta semiótica de proporções inicialmente imprevisíveis. Mais especificamente, a então presidente é apontada, na velha e na nova mídia, como uma das principais responsáveis da crise político-econômica na qual, supostamente, versava o país. Não é esta a sede mais adequada para reconstruir em detalhe este processo³. Conforme os objetivos previamente estipulados, deter-nos-emos, aqui, nos processos de produção de sentido através dos quais ganha corpo esta passagem rumo a uma perspectiva marcadamente disfórica.

A este propósito, três são as estratégias semióticas utilizadas pela mídia impressa a fim de concretizar esta transformação. A primeira diz respeito à construção de novos papéis temáticos – e, portanto, de novas isotopias figurativas – opostos às precedentes, a saber: a *bruxa e desequilibrada*. A segunda tange ao percurso narrativo de “decompetencialização” da ex-presidente. A terceira, por fim, concerne à emergência e à sedimentação de formantes plásticos que – literalmente – derretem a imagem de Dilma como “dama de ferro” brasileira.

4.1 A bruxa

Em 4 de maio de 2016, O Estado de S. Paulo vai às bancas com a capa apresentada na figura abaixo (fig. 4).

³ Sobre tais assuntos, veja-se, Singer (2018) e Autor.



Figura 4. As capas do Estado de S. Paulo de 4 de maio de 2016 (à esquerda) e de 30 de agosto de 2016 (à direita)
Fonte: O Estado de S. Paulo

No centro da página, isto é, no ponto focal no qual os olhos do enunciatário são imediatamente direcionados, destaca-se uma imagem de alto teor e impacto simbólicos. Nela, o rosto de Dilma aparece envolto em chamas. Como é possível perceber ao ler a legenda abaixo da fotografia, o fogo é aquele da tocha olímpica, cuja cerimônia de acendimento teve lugar, um dia antes, no Palácio do Planalto. Estas são as palavras exatas: “Dilma Rousseff usou a cerimônia de acendimento da tocha olímpica, no Planalto, para pedir ‘união do país’. Ela reconheceu que o momento é verdadeiramente crítico, mas disse que o país será capaz de receber bem atletas e visitantes. Manifestantes aglomeraram-se diante do palácio, a maioria contra o impeachment”.

No entanto, o arranjo plástico da página faz com que o texto associado à imagem não seja este, mas sim o título acima: “Janot denuncia Lula na Lava Jato e pede investigação para mais trinta”. Isso por duas razões, que dizem à arquitetura topológica da capa, ou seja, conforme a semiótica plástica desenvolvida por Greimas (1984), Floch (1995) e Oliveira (2004), a disposição dos elementos da linguagem verbal e visual no espaço. Em primeiro lugar, pelo tamanho da fonte utilizada, o qual direciona a atenção do leitor no título e, em seguida, na imagem de Dilma. Em segundo lugar, porque tanto o título quanto a imagem estão englobados no mesmo bloco, cuja fronteira é demarcada pela linha preta que separa a legenda

da fotografia da parte inferior da página, na qual destaca-se a notícia sobre os estudantes de Etecs.

Ora, esta interação sincrética entre linguagem verbal e visual tem como primeira consequência a emergência de um preciso efeito de sentido, ou melhor, de uma figura estereotípica do imaginário popular ocidental: a da “bruxa”.

Como é sabido, durante a baixa idade média e a contrarreforma, mulheres eram investigadas por transgredir, supostamente, as condutas e os códigos éticos e comportamentais da doutrina católica. Tais figuras, definidas como “bruxas” e associadas à imagem do “diabo”, eram julgadas pelos tribunais da Inquisição, sendo muitas vezes condenadas à fogueira em praça pública.

Graças a uma explícita alusão intertextual à inquisição medieval, a capa do Estadão traz à tona este imaginário. As chamas que envolvem o rosto de Dilma lembram exatamente o castigo ao qual as bruxas eram submetidas. Além disso, o sorriso da Dilma, os dentes superiores proeminentes que despontam atrás das flamas e as sobrancelhas esticadas remetem de imediato ao estereótipo figurativo da bruxa, ou melhor, da mulher diabólica, a qual, ao lado de seus companheiros, age e trama contra o “bem”.

No título, o termo “investigação” reforça esta interpretação. De acordo com a manchete, a figura de Dilma não possui relação alguma com os investigados citados pelo jornal. Contudo, em razão dos arranjos plásticos acima descritos, é ela, em medida ainda maior que Lula e os outros 30 “investigados”, que é, de fato, apontada como o ator principal das denúncias da Operação Lava Jato. Englobada, sob o perfil topológico, no mesmo espaço dos primeiros, a então presidente torna-se, assim, a principal artífice do suposto esquema de corrupção indagado pela Força Tarefa.

A capa de O Estado de S. Paulo de 30 de agosto de 2016 segue, no que tange ao discurso verbal, a mesma isotopia. Dialogando intertextualmente com a imagem da edição anterior, a manchete “Juízo Final” corrobora os temas da bruxaria e da inquisição, dos quais Dilma foi apontada como protagonista.

4.2 A desequilibrada

Abordemos agora na narrativa da desequilibrada. A este propósito, um caso emblemático é a edição da Revista Isto É de 6 de abril de 2016 (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p. 33). Conforme reportagem apresentada pela Revista, há algum tempo Dilma aparentava desequilíbrio emocional, beirando o estado da loucura. A matéria

publicada na edição mencionada, intitulada “Uma presidente fora de si”, dizia, entre outras coisas que os “bastidores do Planalto nos últimos dias mostram que a iminência do afastamento fez com que Dilma perdesse o equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país”. Os enunciados destacavam, em particular, “A descompostura presidencial não escolhe vítima. Sobra para todo mundo” (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p. 35) e o “destempero presidencial”. O periódico mostra que ela destratou o ex-assessor especial, Anderson Dornelles, tendo lhe dirigido as seguintes palavras: “Menino, você não faz nada direito”. E não apenas isso. Contra o motorista do veículo oficial da presidência, Dilma Rousseff teria gritado: “Você não percebeu que eu não posso atrasar, seu m... ande logo com isso, senão está no olho da rua”. Ao divergir com a deputada federal Maria do Rosário, sobre a comissão da Verdade, a presidente teria falado: “Cale sua boca. Você não entende disso. Só fala besteira”. Ao enfrentar um desafio durante um voo, depois de uma forte turbulência, a presidente invadiu a cabine do piloto aos berros dizendo: “Você está maluco? Vai se f...!”. A reportagem enfatiza, ainda, o fato que, devido ao descontrole, “a presidente se entope de calmantes desde a eclosão da crise. Os medicamentos nem sempre surtem o efeito, atestam seus auxiliares”. De acordo com a narrativa, sobrava para todo mundo que estava ao redor da presidente, ao passo que o transtorno da presidente, levou-a à ‘loucura’” (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p. 35).



Figura 5. A capa e a matéria da Revista Isto é de 6 de abril de 2016

Fonte: Revista Isto É

A imagem da reportagem, na qual Dilma aparece de braços para cima, bem como aquela da capa, que aparenta retratar uma explosão de raiva da então presidente, corroboram, no nível plástico e figurativo, os temas expostos na linguagem verbal.

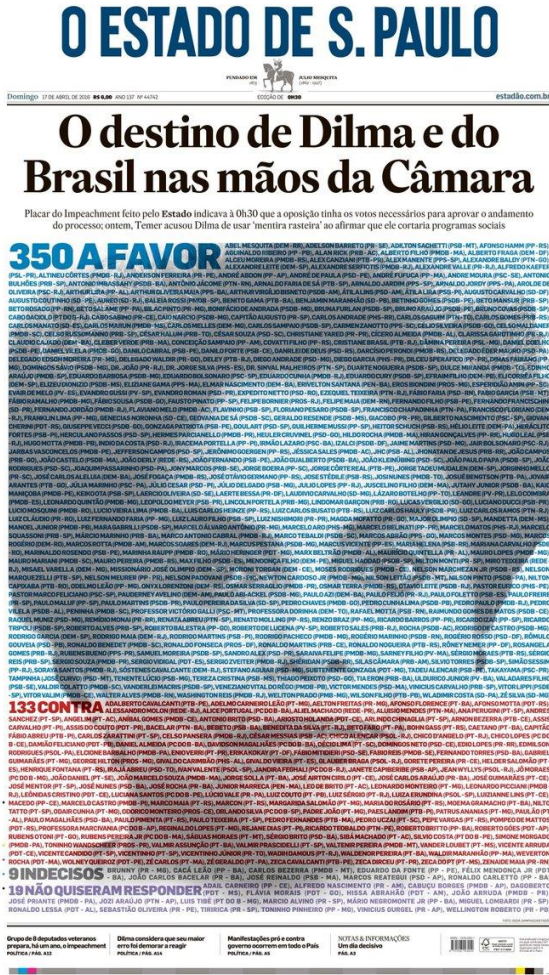


Figura 6. A capa do Estado de S. Paulo do dia 17 de abril de 2016

Fonte: O Estado de S. Paulo

Um contraponto a estas imagens é representado pela capa de O Estado de S. Paulo do dia 17 de abril de 2016. Nela, o rosto de Dilma aparece, em preto e branco, atrás dos nomes dos deputados indecisos (em cinza), favoráveis (em azul), contrários (em vermelho) ao seu impeachment. A expressão da presidente, não mais, como defende o título, dona de seu destino, constrói, ao lado do cromatismo e do posicionamento topológico de seu vulto – atrás dos nomes dos congressistas –, o efeito de sentido de apatia, abatimento e depressão. Uma

imagem que, se comparada com a reportagem de Isto É acima analisada, traz à tona a figura de uma presidente “bipolar”, emocional e profissionalmente inapta a governar o país.

4.3 Do ferro às cinzas e da competência à incompetência

Chegamos aqui à problemática da “decompetencialização” antes evidenciada. O que mostra o panorama de visões disfóricas até agora reconstruído é, pois, uma verdadeira regressão narrativa. Enquanto na primeira fase Dilma era uma mulher que “sabia” e “podia”, ou seja, um sujeito “competente”, conforme a teoria greimasiana da narratividade (GREIMAS; COURTÉS, 2008), na segunda ela é retratada – seja na linguagem verbal, seja na linguagem visual – como uma presidente “incompetente”, incapaz de cumprir as tarefas que incumbem ao cargo de presidente.

Para fundamentar esta hipótese, pode-se trazer, como complemento das imagens e dos textos acima tratados, a matéria publicada no site da Revista Exame no dia 12 de maio de 2016, na qual o periódico destaca: “Dilma foi de boa gestora a incompetente na opinião pública”, identificando a “opinião pública” como responsável por tal juízo de valor disfórico.

Ora, conforme Landowski, (1992, p. 20), “a opinião pública existe: mesmo privada de referência, a expressão não é desprovida de sentido”. Como continua o semioticista:

Do ponto de vista semântico, é o mesmo sujeito coletivo, denominado em ambos os casos "opinião pública" que se acha aqui "interpelado" por um discurso presidencial, ali "contado" numa reportagem de imprensa. Se tratasse de ilustrar a polissemia da expressão, nossos exemplos estariam então malsucedidos. (LANDOWSKI, 1992, p. 21)

Ou seja, na ausência de uma fonte para dizer isso por parte da imprensa ou até mesmo como forma de se esquivar da responsabilidade enunciada, o veículo joga a culpa de que Dilma é incompetente, na opinião pública. Landowski reforça que o termo é usado tanto pela mídia quanto pela política.

Nas edições impressas da Revista, que integram nosso *corpus*, encontramos, no mesmo período, algumas narrativas reforçando esta construção de incompetência, apontando, em particular, para a reponsabilidade de Dilma na propagação da crise econômica, como no caso da capa da própria Revista Exame publicada no dia 7 de abril de 2016 (Fig.3).



Figura 7. A capa da Revista Exame de 12 de abril de 2016

Fonte: Revista Exame

O título, “Como se sair bem na crise (e depois dela)” é, neste sentido, emblemático. Em especial, o pronome possessivo “dela”, o qual, se por um lado refere-se diretamente à crise, por outro lado remete alusivamente à figura de Dilma, ao centro, naqueles dias, dos refletores da mídia.

Além disso, como antecipamos na Introdução, o *corpus* até este momento examinado revela uma inversão plástica cujo peso simbólico é de absoluta relevância. O ferro, formante matérico que havia dominado as descrições de Dilma ao longo da fase eufórica, é agora substituído por outro elemento. Como vimos, na capa do Jornal O Estado de S. Paulo de 4 de maio de 2016, Dilma é literalmente queimada (fig. 4). Naquela de 17 de abril de 2016 (fig. 6), ela aparece “apagada” e “desbotada”, evanescendo, em preto e branco, atrás dos parlamentares. Como se, de algum modo, fosse definitivamente “morta”, ao menos do ponto de vista político-mediático. Ou seja, após o ferro, as “cinzas” tornam-se o traço matérico que simboliza, por excelência, a figura e a postura – não mais firme, segura, irremovível, mas instável e volúvel – de Dilma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber, nas páginas anteriores, como a imagem de Dilma Rousseff foi objeto, ao longo de sua carreira política, de uma reviravolta considerável, seja no que diz respeito aos seus aspectos plásticos figurativos, seja no que tange aos semantismos neles implicados. De uma constelação de valores eufóricos, ancorados no formante matérico do ferro, na figura da mãe/fada madrinha e na competencialização de sua subjetividade política, passa-se, após junho de 2013, para uma outra configuração, na qual dominam outros traços distintivos: as figuras da bruxa e da desequilibrada, o formante matérico das cinzas e o processo de “decompetencialização” da ex-presidente.

Há, portanto, uma articulação íntima e profunda entre níveis diversos do Percurso Gerativo de Sentido, por meio dos quais a transformação da imagem de Dilma Rouseff se consolida e ganha, literalmente, corpo. A competência e a incompetência – isto é, a aquisição e/ou a perda de um dado saber e de um dado um poder-fazer, que dizem respeito às estruturas semionarrativas de superfície do modelo greimasiano – apoiam-se, tanto na primeira quanto na segunda fase, em figuras, papéis temáticos e formantes plásticos precisos, os quais reforçam e/ou aniquilam, no nível discursivo, a legitimidade da ex-presidente enquanto sujeito político apto a cumprir as funções de seu cargo. A transformação plástica do ferro às cinzas é, neste sentido, altamente significativa. De alguma maneira, pode-se dizer que o peso político de Dilma Rousseff derrete como neve ao sol, evanescendo, aos poucos, ao longo dos anos.

Trata-se de um aspecto central, que tange à contribuição que a semiótica discursiva pode oferecer aos estudos comunicacionais. Enquanto disciplina que estuda as diversas formas por meio das quais atribuímos e somos levados a atribuir sentido ao mundo em que vivemos, a semiótica deve jogar luz não apenas sobre *o que*, mas, principalmente, sobre *como* o discurso significa, isto é, sobre os processos de homologação entre expressões e conteúdos nos quais se funda, em seus diversos âmbitos, a comunicação contemporânea. Processos cuja força e cujos impactos residem, muitas vezes, em detalhes – traços plásticos, figuras, e assim por diante – como aqueles acima evidenciados.

Dito isso, gostaríamos de destacar, por fim, o valor estésico da trajetória discursiva até aqui reconstruída. Para tanto, juntando às reflexões de Greimas àquelas de Landowski sobre os regimes de sentido e interação (LANDOWSKI, 2014), pode-se dizer que tais figurações constituem e proporcionam um verdadeiro processo de “manipulação por contágio” (cf. LANDOWSKI, 2009). O impacto – e o sentido – das imagens e das descrições de Dilma Rousseff – é, pois, antes de tudo, da ordem do sensível. Um verdadeiro *sentido-sentido*, no

qual as valorizações tímicas se tornam, para dizê-lo com Jacques Geninasca (1997), “objetos de saber”, influenciando sensível e inteligivelmente a apreensão dos sentidos do discurso por parte de seus destinatários. Um traço característico da comunicação política hodierna, que merece, sem dúvida, a nossa mais profunda atenção.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Kennedy. Lula confirma Dilma para a vaga de Dirceu na Casa Civil. **Folha de S.Paulo**, 21 jun 2005.

COSTA, Florência. Lula escolhe uma dama de ferro para o lugar de Dirceu. **Isto É**, 29 jun 2005.

EXAME. **Depois de fama de boa gestora, Dilma deixa Planalto sob ataques de incompetência.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/depois-de-fama-de-boa-gestora-dilma-deixa-planalto-sob-ataques-de-incompetencia/>> Acesso em 20 jan 2019.

EXAME. Como se sair bem na crise (e depois dela). **Capa**, abril 2016.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana L. P., FIORIN, José Luiz (org.) **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

FLOCH, Jean Marie. **Identités visuelles**. Paris: PUF, 2005

GENINASCA, Jacques. **La parola letteraria**. Milano: Bompiani, 1997

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Jacques. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica figurativa e plástica**. Significação: Revista Brasileira de Semiótica, Nº 4 - Junho de 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nakin: Edusp, 2014.

IGLESIAS, Simone; SELIGMAN, Felipe. Lula faz elogios à Dilma em evento na sede do governo. **Folha de S.Paulo**, 14 jul 2010.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, Eric. Flagrantes delitos e retratos. **Galáxia**, n.8. Outubro 2004, pp. 31-69

LANDOWSKI, Eric. La politique-spectacle revisitée: manipuler par contagion. **Versus**: Milão, n. 107-108, p. 13-28, maio-dez, 2008.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 2014.

LANGELLIER, Jean-Pierre. Dama de Ferro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p.A-10, 23 abril 2009.



MARQUES, Gersa. Dama de ferro sempre foi contra barganhas. **O Estado de S.Paulo**, 21 jun 2005.

MARQUES, Carlos José. A mulher no poder Dilma Rousseff. **Isto É**, nov 2010.

O ESTADO DE S.PAULO. Janot denuncia Lula na Lava Jato e pede investigação contra Dilma. **Capa**, 4 maio 2016.

O ESTADO DE S.PAULO. O destino de Dilma e do Brasil nas mãos da Câmara. **Capa**, 17 abr 2016.

O ESTADO DE S.PAULO. **Para jornal, Dilma e 'Dama de Ferro dos Trópicos'**. 11 jan. 2012.
Disponível em: <www.estadao.com.br/blogs/jt.../jornal-chama-dilma-de-dama-de-ferro-dos-tropicos/>
Acesso em: 25 abr 2018.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editora, 2004.

PARDELLAS, Sérgio; BERGAMASCO, Débora. Uma presidente fora de si. **Isto É**, 6 abr 2016.

PEREIRA, Daniel; PEREIRA, Paulo César. Operação Antimarola. **Veja**, de 4 de jan 2012

SINGER, André. **O lulismo em crise: um quebra cabeça do periodo Dilma (2011-2016)**. São Paulo: Companhia das letras, 2018

UOL. **Dilma Rousseff é nomeada para Casa Civil no lugar de José Dirceu**. 20 jun. 2005.
Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2005/06/20/ult1808u43610.jhtm>> Acesso em: 20 abr 2018.

Original recebido em: 08 de julho de 2019

Aceito para publicação em: 09 de dezembro de 2019

Paolo Demuru

Paolo Demuru é professor titular e pesquisador do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Unviersidade Paulista. Doutor em Semiótica pela Universidade de Bologna, ocupa-se atualmente das correlações entre sociossemiótica, comunicação política e processos culturais e midiáticos

Janete Monteiro Garcia

Janete Monteiro Garcia é jornalista, Mestre em Comunicação e Cultura Mediática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. Desenvolve pesquisa na área de semiótica e política com ênfase nos estereótipos e desigualdades de gênero direcionados às candidatas à presidência da República.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

